

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE
CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ANTONIA IANE PINHO DA SILVA – RA 4026150/8
EMÍLIA DA ROCHA SILVA CAMPOS – RA 4030094/4
MARIA CRISTINA AMARAL SOARES DA SILVA – RA 4026415/4

INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Brasília, 2005.

ANTONIA IANE PINHO DA SILVA – RA 4026150/8
EMÍLIA DA ROCHA SILVA CAMPOS – RA 4030094/4
MARIA CRISTINA AMARAL SOARES DA SILVA – RA 4026415/4

INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Projeto de TCC apresentado ao Curso de Pedagogia-
Formação de Professores para as Séries iniciais do
Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10,
Faculdade de Ciências da Educação – FACE – do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como
parte das exigências para conclusão da disciplina
Monografia.

Orientador: Dra Cássia Maria Ramalho Salim

Brasília, 2005.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho aos nosso filhos que acreditaram no nosso esforço e muito nos incentivaram.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida e da perseverança.

À Mestra Cássia Maria, nossa orientadora pela presença segura, competente e estimulante.

E, sobretudo, a todas as pessoas que nos ajudaram na conclusão desta monografia.

RESUMO

Na prática pedagógica o profissional da Educação depara costumeiramente com desafios, independente do tipo de escola privada ou pública, democrática ou autoritária, como também independente do nível de ensino infantil, fundamental ou médio. Um dos principais desafios enfrentado pelo professor é a questão disciplinar. A literatura tem apontado (La Taille, 2002.) que atualmente as atitudes indisciplinadas do aluno têm aumentado consideravelmente. Faucout (1996) considera que o comportamento indisciplinado está diretamente relacionado com os valores de determinada comunidade. Entretanto, o estudo a este respeito, não tem sido realizado em contexto escolar. A maioria deles, apesar de referir a indisciplina escolar, determina suas concepções através das áreas da sociedade, psicologia e filosofia. A faixa etária dos alunos das séries iniciais, principalmente referindo-se a 3ª e 4ª série é variada, pelas referências e pelo atraso de entrar na escola. Outra questão a considerar então é a proximidade da adolescência, que consideravelmente diz respeito a um período turbulento e conflituoso, no qual pelas mudanças que ocorreram, nos diferentes âmbitos, físico, bioquímico, psicológico e social pode favorecer o aumento da questão da indisciplina do contexto escolar. Desta forma torna-se pertinente para a formação do professor, para o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica e para a constituição de uma escola e ensino adequados, a elaboração de estudos sobre indisciplina na área pedagógica. Objetivo deste estudo teve como foco o estudo sobre as concepções de indisciplina, na perspectiva das várias ciências buscando os conhecimentos filosóficos, psicológicos e sociológicos desses conceitos para analisar as estratégias que são utilizadas na prática pedagógica diante da indisciplina no contexto educacional. A pesquisa selecionada pela natureza do estudo foi a qualitativa. Para a coleta de dados foram selecionados 17 professores de ambos os sexos, na faixa etária de 20 a 50 anos, em exercício profissional que atuam no ensino fundamental da rede pública de três cidades satélites do Distrito Federal: Recanto das Emas, Gama e Santa Maria. Foi realizada uma entrevista estruturada a cada um dos sujeitos. Foi realizada uma análise do relato verbal de cada uma das respostas de cada um dos sujeitos. Os resultados indicam que o professor se vê diante do desafio da indisciplina na sala de aula, tem a concepção correta do que seja indisciplina e definem o comportamento indisciplinado de acordo com a literatura e sabe como solucionar o problema. Entretanto, na busca da solução destes problemas, muitas vezes as alternativas encontradas têm um conteúdo idealista, o que, significa que não se considera um conjunto de determinantes da realidade concreta. Espera-se que todo professor sozinho consiga se tornar interessante ou fazer do seu trabalho algo muito interessante para todos os alunos. O que pode ser impossível. Outra dificuldade de não se conseguir alcançar o nível de disciplina esperado pelos professores diz respeito a acreditar no seu papel. É preciso que o professor acredite nas suas potencialidades, na sua condição de transformador, que se conceda o crédito de que pode, de que tem um papel a desempenhar, o qual é de vital importância para a sociedade.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	08
II – REFERENCIAL TEÓRICO	10
1 - DISCIPLINA E INDISCIPLINA: CONCEITOS E CONCEPÇÕES	10
2 - INDISCIPLINA: UMA PROBLEMÁTICA DO CONTEXO ESCOLAR (DA SALA DE AULA) OU DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	13
3 - A INDISCIPLINA NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO	14
4 - AS DIMENSÕES DA DISCIPLINA	15
5 - INDISCIPLINA FATOR NEGATIVO À EDUCAÇÃO INTEGRAL II.....	17
6 - O DESAFIO DA SALA DE AULA	19
7 - DISCIPLINA E CASTIGO NAS ESOLAS	20
8 - O DESENROLAR DA PESQUISA	22
9 - FASES DA VIOLÊNCIA	24
10 - A INDISCIPLINA ESCOLAR E O ATO INFRACIONAL	25
11 - DISCIPLINA E CASTIGO NAS ESCOLAS	26
12 - A (IN)DISCIPLINA NA ESCOLA PÚBLICA: UM CONVITE A REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS ATUAIS.....	29
III – REFERENCIAL METODOLÓGICO	32
1 - SUJEITO	32
2 - PROCEDIMENTOAS	32
IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	
ANEXOS	

LISTAGEM DAS FIGURAS

FIGURA 1 – CONCEITO DE DISCIPLINA....	34
FIGURA 2 – ALUNO INDISCIPLINAO	35
FIGURA 3 – INDISCIPLINA: HEREDITÁRIA OU ADQUIRIDA....	36
FIGURA 4 – CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E DA FAMÍLIA PARA DISCIPLINAR	38
FIGURA 5 – ALTERNATIVAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA....	39
FIGURA 6 - PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NA COMUNIDADE ESCOLAR....	41

INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

I - INTRODUÇÃO

Fruto de uma intensa luta desenvolvida por educadores e muitas outras pessoas, profissionais ou não, a Educação se transforma em uma ação concreta a aspiração da sociedade, cuja demanda social por educação vem aumentando á passos largos. Através da Constituição Federal de 1988, do Estatuto ad Criança e do Adolescente (1990) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), os Cidadãos Brasileiros viram seu direito à educação formal garantidas, ao mesmo tempo em que se tinham até então.

Na prática pedagógica o profissional da Educação depara costumeiramente com desafios, independente do tipo de escola privada ou pública, democrática ou autoritária, como também indiferente do nível de ensino infantil, fundamental ou médio. Um dos principais desafios enfrentado pelo professor é a questão disciplinar.

A literatura tem apontado (La Taille, 2002.) que atualmente as atitudes indisciplinadas do aluno têm aumentado consideravelmente. Faucout (1996) considera que o comportamento indisciplinado está diretamente relacionado com os valores de determinada comunidade. Entretanto, o estudo a este respeito, não tem sido realizado em contexto escolar. A maioria deles, apesar de referir a indisciplina escolar, determina suas concepções através das áreas da sociedade, psicologia e filosofia.

Desta forma torna-se pertinente para a formação do professor, para o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica e para a constituição de uma escola e ensino adequados, a elaboração de estudos sobre indisciplina na área pedagógica.

A faixa etária dos alunos das séries iniciais, principalmente referindo-se a 3ª e 4ª série é variada, pelas referências e pelo atraso de entrar na escola. Outra questão a considerar então é a proximidade da adolescência, que consideravelmente diz respeito a um período turbulento e conflituoso, no qual pelas mudanças que ocorreram, nos diferentes âmbitos, físico, bioquímico, psicológico e social pode favorecer o aumento da questão da indisciplina do contexto escolar.

Por outro lado, considerações devem ser revistas no que diz respeito à influência familiar no comportamento da criança ou adolescente na sala de aula.

Na mesma perspectiva, deve-se buscar informações, sobre as influências do próprio cotidiano escolar com suas regras e normas, atitudes dos seus profissionais diante do fenômeno indisciplinar.

Objetivo deste estudo é em primeira instância focar sobre as concepções de indisciplina, passando pelo conceito de seu oposto, a disciplina, na perspectiva das outras ciências buscando os conhecimentos filosóficos, psicológicos e sociológicos desses conceitos. Outra meta a alcançar é a análise das estratégias que são utilizadas na prática pedagógica diante da indisciplina no contexto educacional.

Para alcançar as metas propostas, este estudo após as versões das literaturas sobre as conceituações de disciplina e indisciplina, em ciências sociais e humanas. Para a análise das estratégias centralizadas pelos professores e para inferir sobre seu conhecimento das concepções conceituais e sobre a estreita relação do fenômeno disciplinar com outros aspectos considerados, serão realizadas entrevistas com professores da rede pública das séries iniciais do Ensino Fundamental do Distrito Federal.

II – REFERENCIAL TEÓRICO

1 - DISCIPLINA E INDISCIPLINA: CONCEITOS E CONCEPÇÕES

A questão indisciplinar, nos vários contextos históricos e cenários sociais tem consistido em desenvolvimento de estudos em diversas áreas; na Sociologia; na Psicologia; na Pedagogia; na Filosofia e Ética.

Alguns estudos da área da Psicologia e Pedagogia (Aquino, 1996, La Taille, 1996) apontam a relação intrínseca que existe nas palavras disciplina e indisciplina. São conceitos interdependentes e complementares entre si.

Conforme La Taille (1996) disciplina refere-se que é bom porque, sem ela, há poucas chances de se levar a bom termo um processo de aprendizagem. A disciplina em sala de aula pode equivaler à simples boa educação: possuir alguns modos de comportamento que permitam o convívio pacífico.

Indisciplina poderá ser traduzida de duas formas: 1) a revolta contra normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo cômico dos comportamentos, pela desorganização das relações. De acordo com este autor consiste em desair a própria natureza humana.

Para o filósofo Kant (1989), por exemplo, a disciplina é condição necessária para avançar o homem de sua condição natural selvagem. Permanecer parado e quieto num banco escolar é, para Kant, necessário, não para possibilitar o bom funcionamento da escola, mas para ensinar a criança a controlar seus impulsos e afetos.

No mesmo sentido, Piaget (1986) e Sartre (1943, pg. 336), “autodisciplina”, não importa de fora, mas inspirada pela busca pessoal de equilíbrio: do autogoverno das crianças, nasceria uma disciplina muito mais estável e aparente paradoxo livre. Promover-se, realmente, o autogoverno das crianças ou apenas se “brincou” de dar-lhes certa autonomia. Tratar da disciplina, indisciplina no nível da moralidade, significa optar por uma dimensão específica. A tese central a ser apresentada é de simples formulação: a

indisciplina em sala de aula é decorrência do enfraquecimento do vínculo entre moralidade e sentimentos de vergonha.

Conforme Aquino (1985), além da falta de clareza e consenso a respeito do significado do termo indisciplina ou disciplina, a maior parte das análises parece expressar as marcas de um discurso fortemente impregnado pelos dogmas e mitos do senso comum. Isto se agrava na medida em que os estudos e pesquisas sobre indisciplina, além de parciais, ainda são relativamente escassos.

Disciplinado é, portanto, aquele que obedece, que cede, sem questionar, às regras e preceitos vigentes em determinada organização.

Disciplinador é, nesta perspectiva, aquele que molda, modela, leva o indivíduo ou o conjunto de indivíduos à submissão, à obediência e à acomodação.

Já o indisciplinado é o que se rebela, que não aceita, que não acata e não se submete, nem tampouco se acomoda, e, agindo assim, provoca rupturas e questionamentos.

Aquino (1996) ao estudar o desenvolvimento do julgamento moral a partir da perspectiva piagetiana menciona conceitos claros para disciplina e indisciplina, como também, várias considerações a respeito da questão a respeito da questão indisciplinar no contexto escolar. Por exemplo, ele refere que disciplina consiste em situar a origem da moralidade na relação da criança com seus pais e estão também de acordo em sublinhar a importância do sentimento de amor nesta relação.

Segundo a definição do jurista americano John Rawls (1987, pg 504) “amar alguém não significa apenas que estamos preocupados com suas necessidades e desejos, mas também que reforçamos o sentimento que a pessoa tem de seu próprio valor”.

Referindo a indisciplina, este autor considera que no contexto escolar, como mencionado acima, as considerações de Aquino (1996) sobre a (in)disciplina consistem em diversas premissas. A primeira delas diz sobre a criança, sua (in)disciplina e a psicanálise. Todo ato de indisciplina escolar, uma vez que é considerado justamente um epifenômeno de uma realidade psicológica individual, acaba motivando as interrogações.

Quando, nas escolas de hoje, formula-se perguntas sobre a pertinência de aplicar uma sanção, conforme o desenvolvimento suposto das capacidades psicológicas do “indisciplinado” esta se virando uma página um tanto curiosa na história da educação. Avies (1981), de autora, passamos hoje ao reinado da interrogação acerca da pertinência

psicológica de viver e aplicar alguns tipos de sanção escolar. Por sinal, a Escola nov faz dessa dúvida pedagógica justamente o eixo de sua reflexão.

Em relação aa Escola, infância e modernidade, a ligação estreita entre disciplina, aprendizagem e psicologia da criança, que está implícita no cotidiano escolar atual, articula-se a partir de certo estatuto da infância.

Com efeito, disciplinar os hábitos das crianças, pensar a aprendizagem como o desdobrar inelutável de um programa e sustentar a tese da existência da capacidade psicológica, justificando-se necessariamente em torno da idéia da criança como um adulto em desenvolvimento.

O que se almeja na atualidade, não é mais que uma criança aprenda aquilo que ela não sabe, porém fazer dela ao menos um adulto que, no futuro, não padeça das nossas impotências atuais.

A terceira consideração diz respeito à desordem na relação professor-aluno: indisciplina, a moralidade e conhecimento.

Embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância teórica não é tão nítida e ao pouco número de obras dedicadas explicitamente à problemática vem confirmar este dado. Um tema, sem dúvida, de difícil abordagem.

Os relatos dos professores testemunham que a questão disciplinar é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. Segundo eles, o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos côm bagunça, tumulto, falta de limites, maus comportamentos, desrespeito as figuras de autoridades. Outro dado significativo refere-se ao fato de a indisciplina atravessar indistintamente as escolas públicas e privadas (Aquino – 1995).

Considerando os conceitos e as considerações à cerca da (in)disciplina, acredita-se que em cada contexto histórico ou cenário social, a questão indisciplinar reveste de grande importância. Portanto o próximo refere à indisciplina na escola.

2 - INDISCIPLINA: UMA PROBLEMÁTICA DO CONTEXTO ESCOLAR (DA SALA DE AULA) OU DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Um dos contextos em que a indisciplina preferencialmente torna-se um problema é a escola. A atitude indisciplinada do aluno frequentemente compromete a situação de ensino aprendizagem. Seja no sentido de resultar em baixo desempenho acadêmico para o próprio aluno indisciplinado, como também no que se refere a perturbar a dinâmica da sala e, portanto atrapalhar ou comprometer a prática pedagógica do professor.

Aquino (1996), refere que a escola é uma instituição que está inserida em contextos mais amplos: a comunidade que ela pertence, que por sua vez pertence à determinada sociedade. Este autor refere que, no mundo de hoje, principalmente pelos avanços tecnológicos, pela dinâmica familiar, ou por viver separado e finalmente pelo momento a globalização a sociedade enfrenta turbulências, as quais ele acredita, tem gerado a agressividade e violência.

Para La Taille (1996) refletindo este cenário descrito pelo Aquino, a escola tem o papel auxiliar de formadora da personalidade. Ou seja, cabe a escola desempenhar a tarefa social de formar o indivíduo, preparado para as novas gerações e para desempenhar seu papel na sociedade.

3 - A INDISCIPLINA NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

Grezzoni (1995) cita Davis e Leura (1991) que estabeleceram a relação professor aluno no que diz respeito à autonomia do educando. Ele refere que estes autores consideram que a autonomia é conseguida através da possibilidade do indivíduo ser capaz de ter idéias e pensamentos próprios. Ou seja, para estes autores (Davis e Laura 1991) para se alcançar à autonomia é necessário à construção da vontade. Eles explicam que isto é conseguido através do controle e da disciplina para a ação. Ainda acrescenta que tornasse adulto autônomo, é um processo no qual possibilite o indivíduo de traçar metas, selecionar ações escolhendo a essência pela sua perspectiva e, além disso, ser capaz de conter tudo o que ele impeça ou atrapalhe a execução da sua opção.

Os postulados de Vygostky (1984) permitem que analisemos o fenômeno a (in)disciplina num quadro mais amplo e menos fragmentário do que geralmente, integrada a dialética dos diferentes fatores que atuam na formação do comportamento e desenvolvimento individual.

É necessário também que os educadores, além de refletirem constantemente sobre as regras presentes na escola, busquem uma coerência entre suas condutas e aquela que se espera dos alunos. Afinal é também através da imitação dos modelos externos que a criança aprende.

4 - AS DIMENSÕES DA DISCIPLINA

De acordo com Aquino (1996), o trabalho escolar não pode realmente se efetivar sem esforço, dedicação e principalmente disciplina, a disciplina aparece no contexto educacional como condição indispensável para conduzir uma prática pedagógica comprometida com os anseios das classes trabalhadoras, onde a transmissão e oscilação dos conhecimentos escolares colocam o educando em condições de ser “governante” e teoricamente, construtor de uma nova sociedade. Conforme Aquino (1996), as reclamações dos educadores são as mais variadas possíveis. A questão e o problema da disciplina na visão desse autor, passaram a ser entendidos como indisciplina, pois os alunos são insubordinados.

De acordo com Makarenko (1980), a disciplina deve ser acompanhada da compreensão da sua necessidade, da sua utilidade, da sua obrigação, do seu ser consciente, na medida em que deve nascer da experiência social, da atividade prática do trabalho escolar, tornando-se exigência e tradição da própria comunidade escolar.

Dentro dessa perspectiva, para que se processe a disciplina necessária, que toda a comunidade escolar se empenhe no sentido de proporcionar ao aluno, uma escola agradável onde ele se sinta bem em frequentá-la, pois a felicidade do aluno em estudar é que o leva ao êxito escolar e, conseqüentemente, á compreensão e á assimilação dos conteúdos.

De acordo com Gramsci (1978), pensar que disciplina seja algo que tolha a liberdade, contudo, ela tem outra dimensão bem mais significativa, uma vez que, toda organização social, para atingir um fim proposto, precisa de disciplina. É através da disciplina que todo individuo se torna independente e livre. Entretanto, essa disciplina não precisa necessariamente se atingida através de coação e arbítrio ela deve ser atingida através da sinceridade espontaneidade e originalidade. Conforme Gramsci (1978), a disciplina em si significa uma regra de vida necessária para que a escola atinja a sua função social o seu fim proposto, de incluir aprendizagem de conceitos, habilidades, valores que envolvem sentimentos, emoções, ligadas ás relações familiares, escolares e aos ambientes em que os alunos vivem, ajuda-os a desenvolverem a prática de pensar de ter maior flexibilidade de raciocínio; fazer ligação do seu cotidiano com os problemas sociais. Essa disciplina deve ser conquistada e estabelecida pela coletividade ou pelos componentes do grupo social.

Refletindo Gramsci (1978) a escola, sendo uma organização social, precisa também assegurar ao aluno, ainda que “abstratamente”, a condição de poder ser dirigentes. Todavia o trabalho que lhe propicia condições para ser dirigentes e não subalterno, exige esforço trabalho e disciplina, porém, a escola não pode ser um local de ensino fácil e atraente em todos os momentos, porque o progresso do aluno rumo aos conhecimentos elaborados historicamente pelo homem não se pode dar a não ser através de muita concentração dedicação, e disciplina. Segundo Gramsci (1978), esta aprendizagem torna-se às vezes mais difícil que a de um operário que quer adquirir uma qualificação profissional e deve começar justamente na sua idade escolar.

Segundo Rosemberg (1995), dentro dessa perspectiva, para que a escola possa exigir disciplina é necessário que se mude a estrutura e maneira em que são ministradas as aulas, para isso, é necessário que os professores dominem competentemente os conteúdos dados e também, trabalhe a interdisciplinaridade reconhecendo os nexos existentes entre as diversas matérias, assegurando o equilíbrio entre o geral e o específico, sem perder de vista a especificidade de cada área, pois o despreparo dos especialistas frente aos problemas educacionais e á realidade da sala de aula são alguns dos inúmeros problemas por que passa a escola pública brasileira, ou seja, pode ser que aí resida a causa alarmante da evasão e repetência existência em nosso país, que pode ser também causada pelo trabalho infantil, a situação financeira da família e a falta de material escolar.

5 - INDISCIPLINA FATOR NEGATIVO À EDUCAÇÃO INTEGRAL

De acordo com Aquino (1996) a problemática da indisciplina sob o ponto de vista teórico, chegou a conclusão que a questão disciplinar tem, sido um desafio para pais e mestres, e na prática docente ela tem sido a inimiga “número um” dos professores. Segundo Aquino (1996), com a falência da autoridade dos pais, o que se observa é que eles tentam a todo custo transferir a responsabilidade, que cabe a eles na educação dos filhos, aos professores, coordenadores e até à direção da escola. Com essa transferência de responsabilidade, os professores ficam sem ação diante desse monstro assustador que toma formas diversas a cada dia que passa, como os alunos não respeitam seus pais eles agem do mesmo modo com os professores. Diante desse impasse os educadores ficam sem ação e a quem recorrer, sem contar que a indisciplina prejudica o ensino aprendizagem e a assimilação dos conteúdos. Professores e coordenadores têm dificuldade em estabelecer limites na sala de aula e não sabem até que ponto pode intervir nos comportamentos adotados nos pátios escolares.

Do ponto de vista sócio-histórico de Aquino (1996), a escola é palco de confluência dos movimentos históricos (as formas cristalizadas versus as forças de resistência), do ponto de vista psicológico ela é profundamente afetada pelas alterações na estruturação familiar.

Aquino (1996) ressaltou que o tema é delicado, perigoso e polêmico, que pode ser traduzido de duas formas: primeiro, a revolta contra estas normas impostas; segundo, o desconhecimento delas. Hoje, contudo, o cinismo (negação de valor e regras) explica melhor os desarranjos das salas de aula. Disciplina é bom porque, sem ela, há poucas chances de se levar a bom termo um processo de aprendizagem. A disciplina é necessária, não para que ela tenha um bom funcionamento, mas para ensinar a criança a controlar seus impulsos e afetos, com isso manter um certo equilíbrio psicológico. Quando o aluno era encaminhado para fazer uma avaliação psicológica em razão de sua indisciplina, várias justificativas eram colocadas, como falta de maturação cognitiva, situações traumáticas, e na maioria das vezes não se chegavam a uma conclusão viável, alegando depender de o aluno querer mudar esse quadro, e com esses aspectos só se referiam ao cotidiano escolar, esses alunos, conseqüentemente, estavam fadados ao fracasso escolar.

Segundo Aquino (1996), o fracasso escolar não reside na deficiência dos alunos, e sim na falta de estímulo dos professores, pois na verdade, por incrível que pareça os alunos estão ávidos pelo saber, pelo convite à descoberta, só necessitam de um professor estimulado e uma troca afetiva entre ambos para que juntos se processem o conhecimento.

De acordo com Aquino (1996), embora a escola tenha suas leis e normas a serem cumpridas é essencial salientar que existem também os grupos que permitem a troca de idéias, palavras e sentimentos que fortalece a estrutura educacional. Entretanto, às vezes, no interior dessa instituição tão sólida, existe uma reprodução da indisciplina e violência, pois a escola foi planejada para que todos sejam iguais e, como todo ser tem sua personalidade, que diverge das demais, essa igualdade se torna impossível, daí surgem os conflitos, que se nos originam próprios professores através da discriminação dos que são diferentes, instaurando o caos, que explode na indisciplina incontrolável. A sala de aula é o lugar onde professor e aluno deve interagir numa relação de amizade e troca, entretanto, quando essa interação não se estabelece, surgem então os conflitos.

De acordo com Aquino (1987), assiste-se hoje a emergência de um período em que predominam as atitudes grupais. Cada grupo conta suas histórias, cada um participa de uma série de tribos, constituindo o neotribalismo, caracterizado pela fluidez, pelos ajustamentos, pela dispersão. De acordo com ele no neotribalismo, as pessoas circulam, participam de uma rede, mas sem um projeto específico. Criam-se cadeias de amizades que possibilitam as relações através do jogo da proscemia: que conforme ele significa alguém, que conhece outro alguém, e assim por diante. Para este autor há uma íntima ligação entre a proscemia e a solidariedade e ajuda mútua surge por força das circunstâncias e sempre pode ser ressarcida no dia em que se tiver necessidade dela. Então ele acredita que os grupos sociais dão forma aos seus territórios e às suas ideologias e depois são constrangidos a se ajustarem, suscitando uma multiplicação indeterminada de tribos que seguem as mesmas regras de segregação e de tolerância, de atração e de repulsão. Por tudo isto, o autor conclui para que a paz reine soberana (nem tanto) no interior das instituições escolares, é preciso que o sentimento de afetividade entre aluno e professor se processe de forma recíproca, sem, contudo, eliminar a autonomia das pessoas e as suas diferenças, criando-se um vínculo de amizade e o gosto de estarem juntos.

6 - O DESAFIO DA SALA DE AULA

De acordo com Moraes (1994), a sala de aula, lugar do jogo do saber, momento privilegiado em que processam o ensino e a aprendizagem; confronto de idéias entre professor e alunos, entre alunos e alunos lugar onde se processar o saber. O saber, na verdade, é um preparo para educá-lo e esse educar nos leva a questionar o que venha ser educar, uma vez que educar é estar com o outro; a bem da verdade, o que a escola tem feito ao longo dos anos é afastar as pessoas das pessoas. Entretanto, o que realmente dá sentido aos conteúdos e a carga afetiva com que esses conteúdos vêm sendo repassados, a carga emotiva carregada de alegrias avanços, esperanças, mesmo que: às vezes surjam alguns recalques, retrocessos: enfim a sala de aula é um espaço onde acontece de tudo que se passa na alma do ser humano. Para que essa interação entre aluno e professor possa se processar é necessário que o professor tenha habilidade de transportar seus alunos para além da sala de aula com amor, carinho e respeito.

Parafraseando o professor Antonio M. de Resende (1994), diríamos que a variedade insuspeitada de sentidos para uma sala de aula é diretamente proporcional á densidade afetiva com que esse acontecimento foi vivido. (...) Todas as vicissitudes que podem ser traduzidas em conflitos, alegrias, expectativas mal ou nunca satisfeitas, recalques exibicionismo esperanças avanços e retrocessos.

De acordo com os estudos de Dubet (1991-1994), a instituição escolar tem se ressentido dos limites da socialização por não estar conseguindo atuar nos dois mundos – do pedagógico e do relacional dos alunos – que residem dentro dela. Segundo Marlucelli (1995). Essa crise da socialização gera um espaço no qual os alunos constroem uma experiência significativa, muitas vezes fora da própria escola, ou contra ela ou dentro.

7 - DISCIPLINA E CASTIGO NAS ESOLAS

Segundo Foucault (1984), a estruturação de normas disciplinares provém de um aspecto importante, que está presente principalmente no Estado, mas também em qualquer instituição social, nas escolas, nas igrejas, nos hospitais, entre outras.

As disciplinas ou o processo de disciplinarização envolvem o poder de controlar e administrar indivíduos. Esse poder discutido por Foucault (1984), possui características muito marcantes, não no sentido de repressão, mas no sentido de organizar a vida dos homens, controlando suas ações, aproveitando suas potencialidade, levando-os a considerar tudo que lhe é imposto pela instituição sociais como algo importante e natural para suas vidas, de tal forma que o individuo incorpora todos os valores e crenças existentes como se fosse próprios, tornando-se assim um ser domesticado e conformado

Segundo Castro (1994), os alunos, considerados por todos como a razão de ser da escola, são os alvos de todos os reflexos das relações de poder existentes: vítimas do mau humor de professores descontentes ou contemplados pela sorte de conviver com mestres satisfeitos e adaptados, sofrem mais diretamente todas as conseqüências do clima estabelecido na instituição.

A importância de DURKHEIM para análise de questões relacionadas à disciplina é reconhecida nos meios acadêmicos.

Segundo Afonso (1991), provavelmente nenhum outro sociólogo da educação terá, melhor do que DURKHEIM, posto em evidência a função do controle social inerente à disciplina escolar, ao relacioná-la, simultaneamente, com a necessidade da educação moral e da ordem social.

Durkheim (1984) afirma que a família constitui um ambiente que, pelo seu calor natural, se apresenta particularmente apto a fazer despontar as primeiras inclinações altruísta, os primeiros sentimentos de solidariedade, mas a moral que ali se pratica é sobretudo afetiva. É na escola que a criança deve adquirir o necessário respeito pela regra e aprende a cumprir o seu dever. Assim, a escola desempenha o importante papel de guarda avançada da moral e é através da escola que a coesão social é assegurada.

Assim, Bourdieu (1996) afirma que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente datada e situada, para construí-la, porém, como caso particular do possível, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis.

Bourdieu (1983) explica o “habitus” como aquilo que se adquiriu, que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposição permanentes. O habitus determina o estilo de vida, o gosto, a propensão e aptidão à apropriação de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificatórias, gerando princípios de visão, de divisão e gostos diferentes.

Ele estabelece a distinção entre o que é bom e o que é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc. É o habitus, como estrutura estruturada e ao mesmo tempo estruturante, que integra, nas práticas e nas idéias, os esquemas práticos de construção oriundo da incorporação de estruturas sociais resultantes do trabalho histórico de gerações que se sucedem. Portanto, os habitus são princípios que geram praticas tão distantes e distintas que fazem com que um mesmo comportamento ou um mesmo “bem” possa parecer distintos para um, pretensioso para outro e vulgar para um terceiro.

Bourdieu (1974), falando sobre a ação pedagógica, afirma que uma das suas características reside no poder de comandar a prática tanto ao nível inconsciente – através dos esquemas constitutivos do “habitus” cultivando como nível consciente, através da obediência aos modelos explícitos.

Segundo Foucault (1996), as pessoas sabem o que fazem; elas freqüentemente sabem porque fazem o que fazem; mas o que essas elas não sabem é o que faz (causa) aquilo que elas fazem. Para ele esse tempo legítimo de permissividade e legitimidade, proporcionado pela família, é aquele dedicado a estudar e se capacitar e durante o qual a sociedade os brinda com uma especial tolerância. Mas a moratória é privilegio, geralmente, dos jovens de classes medias, cujas famílias têm a possibilidade de lhes oferecer estudos prolongados e retardar seu ingresso nas responsabilidades da vida adulta como o trabalho e o casamento.

8 - O DESENVOLVER DA PESQUISA

Segundo Francisco de Oliveira (1988) se refere metaforicamente às classes médias como a cabeça da Medusa, porque, assim como desta nascem mil serpentes, também na sociedade surgem classes médias com formas, expressões, ramificações e aparências multiplicadas e diferenciadas. Tentar definir o que são as classes médias é um problema porque há uma imprecisão decorrente do fato de elas serem heterogêneas.

Mills (1996) pois ele afirma que a moderna divisão de trabalho exige uma especialização de competências. Com essa afirmação, Mills está indicando que a escola é a responsável por essas diferentes qualificações e competências. A nova classe média analisada por Mills se insere no mercado de emprego graças a uma passagem mais ou menos prolongada pela escola (Peralva, 1985) Os alunos da classe média, cientes disso, fazem da escola um instrumento para concretizar seu projeto. Segundo Dubet (1991) esses alunos tendem a estabelecer uma relação pragmática com a escola.

Nogueira (1991 a 1998) traz valiosas contribuições, com seus estudos sobre as estratégias e comportamentos das famílias pertencentes a diferentes classes sociais em relação à escolaridade e ao destino profissional de seus filhos. Segundo a autora, o comportamento de escolha da escola adotado pelas famílias varia de um grupo social para o outro. As elites optam pela escola privada e utilizam estratégias “de distintas” a fim de assegurarem aos filhos a frequência a estabelecimentos altamente seletivos e prestigiosos. As classes médias, quando podem optam pela escola particular, mas quando não, partem para escola pública escolhida e utilizam as estratégias “de evitamento”, ou seja, evitam certas unidades escolares situadas em bairros populares, com clientela de nível socioeconômico baixo e/ou com ensino de má qualidade. Essas duas situações de escolhas das escolas foram verificadas nas famílias das duas escolas investigadas.

Charlot (1997), ao investigar a violência nas escolas francesas, sintetiza a tese de Elias, afirmando que a violência seria um conjunto de incivilidade, ou seja, de atentados cotidianos ao direito de cada um ver sua pessoa respeitada. Ele indica que o homem, por sua condição antropológica, é obrigado a aprender a ser homem. Já que nasce imaturo, ele só pode se hominizar se for capaz de se apropriar daquilo que a espécie humana cria no curso de sua história.

Segundo Charlot (1997), esta premissa de que a violência decorre da falta de controle sobre as condutas e da ausência da civilidade, incorpora a idéia de fundo de que é a civilização que canaliza e estabelece a contenção dos instintos. Parte dessa premissa também a idéia de que a escola, responsável pela humanização, deve “civilizar” os alunos, de forma a levá-los a controlar suas condutas, suas emoções e seus impulsos agressivos.

Dubret (1991) diz que, a escola não tem cumprido seu papel de hominizar porque sua função socializadora não se tem evidenciado, provocando assim, um espaço onde o aluno tem construído uma experiência de violência . Em razão dessa crise, as práticas de violência têm pipocado cotidianamente entre os alunos. Além disso, acredito que essas violências “leves”, não físicas, verbais e com outras formas de manifestação – como segregação, exclusão, indiferença – não são assumidas, ficando disfarçadas ou mascaradas.

Chauí (1998), explica a cegueira a determinados tipos de violência praticados por determinados setores (geralmente dos dominantes) contra outros segmentos (dos dominados) recorro as idéias sobre a dificuldade que vivemos no Brasil de compreender e até enxergar a violência real. Segundo ela, vivemos uma situação paradoxal, porque, de uma lado, brada-se contra a violência e a favor de um “retorno à ética” e, de outro, são produzidas imagens e explicações para a violência que impendem a visibilidade e a compreensão da violência real. A violência real é ocultada por mecanismos ou dispositivos ideológicos como os da exclusão, o da distinção, o sociológico e o da inversão do real.

Os mecanismos apontados por Chauí (1998) podem auxiliar no exame das práticas de violência dos alunos, bem como na compreensão de determinadas representações correntes nas duas escolas investigadas. Entretanto, aquele que é mais significativo é o da inversão do real, pois ele pode ajudar a compreender situações encontradas nos ambientes escolares, como, por exemplo, a utilização, por alunos ou professores, de artifícios para mascarar os atos violentos, ou então o fenômeno da inversão de posições de discriminador e de discriminado em discriminador.

9 - FASES DA VIOLÊNCIA

De acordo com os estudos de François Dubet, a instituição escolar tem se ressentido dos limites da socialização por não estar conseguindo atuar nos dois mundo – do pedagógico e do relacional dos alunos – que residem dentro dela. Essa crise da socialização gera um espaço no qual os alunos constroem uma experiência significativa, muitas vezes fora da própria da escola, ou contra ela, ou dentro, mas a despeito dela (Dubet, 1991, 1994 e Dubet e Martuccelli, 1995).

De acordo com Dubet (1994) os dois estabelecimento de ensino mostraram-se instituições fortes no aspecto pedagógico, mas fracos na esfera das relações dos alunos porque nas fibras dessa convivência os jovens da duas escolas vão tecendo uma experiência, que não nasce, necessariamente, do projeto da instituição ,ou seja, eles vão construindo um modo de viver dentro do estabelecimento que independem da instituição e que pode até negar a vida da escola. E esse território onde a instituição escolar não está agindo é o território das experiências.

Segundo Margulis (1996), esse tempo legítimo de permissividade e legitimidade, proporcionado pela família, é aquele dedicado a estudar e se capacitar e durante o qual a sociedade os brinda com uma especial tolerância. Mas a moratória é privilégio, geralmente, dos jovens de classes médias, cujas famílias têm a possibilidade de lhes oferecer estudos prolongados e retarda seu ingresso nas responsabilidades da vida adulta como trabalho e o casamento.

Margulis (1996), aborda a moratória vital, que será uma espécie de complemento do conceito de moratória social. A moratória vital é crédito temporal, um algo a mais que tem vinculações com aspecto energético do corpo. Essa moratória se identifica com a sensação de imortalidade tão própria dos jovens.

10 - A INDISCIPLINA ESCOLAR E O ATO INFRACIONAL

Para La Taille (1996) compete lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos.

Lopes (1999), destaca que, indiretamente, o Estatuto e demais leis tratam da questão disciplinar, como uma afronta ao dever de cidadão. E um dos papéis da escola centra-se nesta questão, ou seja, de contribuir para que o aluno-cidadão tenha ciência de seus direitos e obrigações, sujeitando-se às normas legais e regimentais, como parte de sua formação.

Dentro deste contexto, crianças e adolescentes devem ser encarados como “sujeitos de direitos e também de deveres, obrigações e proibições contidos no ordenamento jurídico” e regimentos escolares. Quando não atenta para a observância de tais normas, pode cometer um ato infracional ou um ato indisciplinar.

Segundo La Taille (1996), toda infração prevista no Código Penal, na Lei de Contravenção Penal e Leis Penais esparsas (ex. Lei de tóxico, porte de arma), quando praticada por uma criança ou adolescente, corresponde a um ato infracional. O ato infracional em obediência ao princípio da legalidade, somente se verifica quanto a conduta do infrator se enquadra em algum crime ou contravenção previsto na legislação em vigor.

Tiba (1996) define disciplina como: conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano envolvendo e preservando o respeito ao bem estar biopsicossocial .

O autor aponta como causas da indisciplina na escola as características pessoais do aluno (distúrbios psiquiátricos, neurológicos, deficiência mental, distúrbios de personalidade, neuróticos), características relacionais (distúrbios entre os próprios colegas, distorções de auto estima) e distúrbios e desmandos de professores.

A definição que melhor se apresenta, é fornecida por La Taille (1996) que esclarece: se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de

desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações.

No entanto, dependendo do tipo de ofensa e da forma como foi dirigida, pode ser caracterizada como ato infracional – ameaça, injúria ou difamação. E para cada caso, os encaminhamentos são diferentes.

Constata-se também, que o ato infracional é perfeitamente identificável na legislação vigente. Já o ato indisciplinar deve ser regulamentado, nas normas que regem a escola, assumindo o regimento escolar papel relevante para a questão.

La Taille (1996) diz que a conquista da cidadania e de uma escola de qualidade é projeto comum, sendo que no seu caminho, haverá tanto problemas de indisciplina como de ato infracional. Enfrentá-los e superá-los é o nosso grande desafio.

11 - DISCIPLINA E CASTIGO NAS ESCOLAS

Segundo Castro (1994), os alunos, considerados por todos como a razão de ser da escola, são os alvos de todos os reflexos das relações de poder existentes: vítimas do mau humor de professores descontentes ou contemplados pela sorte de conviver com mestres satisfeitos e adaptados, sofrem mais diretamente todas as conseqüências do clima estabelecido na instituição.

Segundo Afonso (1991), provavelmente nenhum outro sociólogo da educação terá, melhor do que Durkheim (1984), posto em evidência a função do controle social inerente à disciplina escolar, ao relacioná-la, simultaneamente, com a necessidade da educação moral e da ordem social.

Para Durkheim (1984), a moral constitui-se num conjunto de regras definidas e específicas que determinam, de forma imperativa, a conduta. A disciplina transmite hábitos à vontade, impõe-lhe freios, regulariza-a e a contém. A limitação da vontade é a condição da saúde moral e, portanto, da felicidade do homem e, por isso, a disciplina é útil não somente à sociedade, como meio indispensável sem o qual não poderia haver cooperação regular, mas também ao próprio indivíduo. É através dela que o homem aprende a moderação e consegue ser feliz.

Durkheim (1984) afirma que a família constitui um ambiente que, pelo seu calor natural, se apresenta particularmente apto a fazer despontar as primeiras inclinações altruístas, os primeiros sentimentos de solidariedade, mas a moral que ali se pratica é sobretudo afetiva. É na escola que a criança deve adquirir o necessário respeito pela regra e aprende a cumprir o seu dever. Assim, a escola desempenha o importante papel de guarda avançada da moral e é através da escola que a coesão social é assegurada.

Durkheim (1984), por um lado, defende a disciplina como o mais importante elemento da moralidade e, por outro lado, considera a penalidade como um dos meios de os educadores conseguirem que os alunos atinjam o estágio moral desejável e necessário para a vida em sociedade. Para ele, a internalização das regras e dos valores estabelecidos faz com que o indivíduo atinja a verdadeira liberdade.

Abordando a disciplina na perspectiva das relações sociais, Foucault (1996) considera que essas relações são fundamentalmente relações de poder e de resistência.

Foucault (1996), em sua análise faz perceber a resistência que existe nas relações de poder. Ele afirma que o poder da disciplina está na sua função maior de adestrar. A disciplina fabrica indivíduos. Ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos, ao mesmo tempo, como objetos e como instrumentos de seu exercício. Para ele, na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona sempre um mecanismo penal. Esse mecanismo funciona como um repressor, através de toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupção de tarefas), da atividade (desatenção, etc.), da maneira de ser (grosseria), dos discursos (tagarelice), do corpo e da sexualidade.

A punição, para Foucault (1996), é tudo aquilo que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, de humilhá-las e de confundi-las. Os castigos físicos, para ele, têm a função de reduzir os desvios, sendo essencialmente atos corretivos que visam sempre a restauração da ordem. Contudo, a maneira como se faz esta restauração depende da estratégia de poder dominante em uma determinada época. Foucault (1996) chama de poder disciplinar a estratégia predominante de poder da modernidade. Para ele, na modernidade o poder disciplinar é caracterizado pela não corporeidade da pena. O corpo não é mais castigado publicamente, de forma direta. Como a liberdade é o valor máximo na modernidade, retirá-la tornou-se a punição mais utilizada. Na escola, a palmatória foi substituída por castigos que limitam os movimentos e impedem a comunicação com os

outros. O objeto da punição é o da reeducação do indivíduo. É por isso que a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir e sua especificidade está em produzir docilidade e eficiência, servindo-se da domesticação e moralização.

Bourdieu (1996) afirma que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente datada e situada, para construí-la, porém, como caso particular do possível, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis.

Bourdieu (1983) explica o “habitus” como aquilo que se adquiriu, que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes. O habitus determina o estilo de vida, o gosto, a propensão e aptidão à apropriação de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificatórias, gerando princípios de visão, de divisão e gostos diferentes. Ele estabelece a distinção entre o que é bom e o que é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar.

Segundo Foucault (1996), em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível. Este autor comenta sobre relatos de duas professoras que evidenciam a presença do exame como dispositivo disciplinar e, ao mesmo tempo, percebe-se a presença de esquemas adquiridos, funcionando no nível prático, como categorias de percepção e apreciação e, ainda, como princípios de classificação. Ao relatar as práticas vivenciadas na trajetória escolar, de acordo com o autor, as duas professoras retratam o balanço positivo do disciplinamento. Ele então conclui que as pessoas sabem o que fazem; elas freqüentemente sabem porque fazem o que fazem; mas o que elas não sabem é o que faz (causa) aquilo que elas fazem.

Bourdieu (1994) afirma que a prática poderia ser definida como resultado incorporado de uma trajetória social.

Durkheim (1984) leva à reflexão sobre esse “conhecimento” ao afirmar que é conveniente deixar decorrer um tempo, ainda que curto, entre o instante em que a falta é constatada e aquele em que a punição é infligida; um tempo de silêncio reservado à reflexão. Esse momento de suspensão não é uma simples simulação, destinado a dar à criança a ilusão de uma liberação; é sim um meio, para o mestre, de este se precaver contra as resoluções precipitadas que seguidamente são tão difíceis de revogar como de manter.

12 - A (IN)DISCIPLINA NA ESCOLA PÚBLICA: UM CONVITE A REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS ATUAIS

Charlot (2000) diz que o fracasso escolar não existe; o que existe são os alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas situações, essas histórias e que devem ser analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado fracasso escolar.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que antes um aluno que fracassa num aprendizado, numa leitura negativa fala em deficiências, carências, lacunas e faz entrar em jogo os processos de aniquilamento. Uma leitura positiva se pergunta o que esta ocorrendo— qual a atividade implementada pelo aluno, qual o sentido da situação para ele, qual o tipo das relações mantidas com outros, etc. A leitura positiva busca compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não o que falta para essa situação ser uma situação bem sucedida.

Estrela (1994) diz que embora menos evidentes e imediatos esses efeitos não são menos nocivos, pelo que a indisciplina constitui hoje, juntamente com o insucesso escolar, o problema mais grave que a escola de hoje enfrenta em todos os países industrializados. A manutenção da disciplina constitui com efeito uma preocupação de todas as épocas, como já testemunham vários textos de Platão. E se lermos as Confissões de Sto Agostinho, constatamos como a sua vida de professor era amargurada pela indisciplina dos jovens que perturbavam a ordem instituída para seu próprio bem.

Segundo La Taille (1999), faz uma reflexão sobre o conceito de limite. Ele aborda o tema de três formas diferentes e complementares: a primeira: pensar os limites como fronteiras a serem transpostas, tanto para a maturidade quanto para a excelência, especialmente as virtudes morais. A segunda: pensá-los como fronteiras a serem respeitadas, portanto não o transporta, questão central para a moralidade. A terceira: pensar os limites como fronteiras que a criança deve construir para proteger sua intimidade e privacidade.

Nessas abordagens, o autor enfatiza tanto os aspectos de desenvolvimento infantil quanto de educação. Mas limita-se no sentido comumente empregado, que interessa aos

educadores em geral e que serve também para expressar uma queixa em relação a geração mais jovem, e o enfatizado na segunda forma.

Segundo La Taille, (1999) o limite como fronteiras a serem transpostas, que na verdade tem sufocado a maioria das crianças de hoje, pois elas são convidadas a permanecer em seu mundo–infantil ou adolescente, o que vem a reforçar o seu egocentrismo. O limite, apontado na segunda forma, que é uma imposição física ou normativa, refere-se a educação, ao processo civilizatório e, portanto, a ausência total dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem onde vale a lei do mais forte.

A não colocação de limites pode tanto ser prova de humildade como de descompromisso em relação aos filhos, aos alunos e ao futuro do mundo.

Roure (2000) aponta primeiramente os estudos sobre o desenvolvimento moral nos quais, consideram o aspecto da disciplina e focalizam dentro da perspectiva do desenvolvimento moral. Para a teoria psicogenética, a construção da autonomia representa um princípio fundamental, que deve nortear todo o processo educativo, desde o primeiro contato da criança com a escola e o saber. A perspectiva do paralelismo moral e a visão do desenvolvimento das estruturas cognitivas a partir da atividade espontânea do sujeito levam à hipótese de que o julgamento moral também decorre de processos de interação e de cooperatividade entre crianças. As relações espontâneas fornecem a base sobre a qual a criança deve construir as noções de regras, respeito mútuo e justiça e, portanto, sua autonomia moral.

Roure (2000) aponta as pedagogias apoiadas em concepções socialistas questionam as abordagens autoritárias, que contribuem para a formação de uma classe trabalhadora submissa e subserviente, assim como o espontaneísmo pedagógico, entendido como resultado da apropriação das teorias psicogenéticas e escolares vistas por parte da escola comprometida com as pedagogias ativas, ao criticarem o autoritarismo, subvertem o princípio da autoridade e instituem práticas escolares descomprometidas com a educação sólida das novas gerações e, em especial, das classes populares.

A terceira perspectiva apontada por Roure (2000) é aquela que defende a possibilidade de uma organização do processo educativo fundamentada na psicologia sócio-histórica de Vygotsky, ou seja, uma educação dentro da tendência crítico social.

A perspectiva psicanalítica e o quarto enfoque apontado por Roure (2000), nesta abordagem, a compreensão dos meios culturais de repressão dos impulsos instintivos em função da vida social se dá através da investigação dos processos de determinação do inconsciente, possibilitando a discussão sobre o lugar da moralidade no processo de humanização do sujeito. O estudo da personalidade moral estabelece as bases conceituais para a possível compreensão do papel das figuras de autoridade, em especial da função paterna, nos processos de internalização dos padrões morais externos, numa relação dinâmica que envolve a identificação e a superação da autoridade em função da autonomia.

AQUINO (1998) aponta para a necessidade de uma leitura fundamentalmente pedagógica da indisciplina, onde se possa compreendê-la inicialmente como um sinal, um indício de que a intervenção não está se processando a contento e que seus resultados não se aproximam do esperado. Discorrendo sobre a idéia oportuna a respeito das novas ressignificações das práticas escolares, ele sinaliza algumas premissas pedagógicas fundamentais sugerindo alguns princípios éticos que são apontados como balizadores do trabalho docente.

O primeiro elemento básico apontado por AQUINO (1998) é o de que a ação do professor deve ater-se ao seu campo de conhecimento e suas regras particulares de funcionamento. Na relação professor-aluno, núcleo do trabalho pedagógico, deve haver a distinção entre os papéis de aluno e de professor e este é o segundo elemento. O terceiro dado importante é que a sala de aula, contexto privilegiado para a administração de conflitos, e o espaço onde se devem equacionar os obstáculos para atingir uma possível excelência profissional.

Outro autor que sugere uma leitura fundamentalmente pedagógica da indisciplina é Furlan (1998). Este autor mexicano afirma a existência de poucas pesquisas realizadas neste campo por pedagogos de formação e que a escassez de investigações é tão flagrante como a importância atual desta problemática. Aos pedagogos universitários nos toca acompanhar e aprender com os atores, enquanto se desperta nossa pouco ágil maquinaria de investigação.

III - REFERENCIAL METODOLÓGICO

Este estudo será realizado por pesquisa qualitativa, porquanto conforme Lüdke e André (1986) tendo o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento é propícia para a investigação a que se propõe, já que supõe-se o contato direto e prolongado do pesquisador como ambiente e a situação que está sendo investigada: a indisciplina na sala de aula. Além disso, nesta situação necessita-se de que os dados sejam descritivos, o que não se pode ter certeza de encontrar em outros tipos de pesquisas. Aqui é necessário que os dados coletados seja rico em descrições de pessoas, no caso educadores, sobre situações e acontecimentos, em questão: a indisciplina. Busca-se principalmente buscar o “significado” que os sujeitos, na sua condição de professores, determinam ou norteiam a perspectiva. Não se procura se há evidência da indisciplina na escola, ou a quantidade de alunos indisciplinados, mas sim a inspeção de dados na fonte, numa direção de baixo para cima.

1 - SUJEITOS

Foram selecionados 17 professores de ambos os sexos, na faixa etária de 20 a 50 anos, em exercício profissional que atuam no ensino fundamental da rede pública de três cidades satélites do Distrito Federal: Recanto das Emas, Gama e Santa Maria.

2 - PROCEDIMENTOS

Foi realizada uma entrevista estrutura a cada um dos sujeitos. Foi realizada uma análise do relato verbal de cada uma das respostas de cada um dos sujeitos.

IV ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

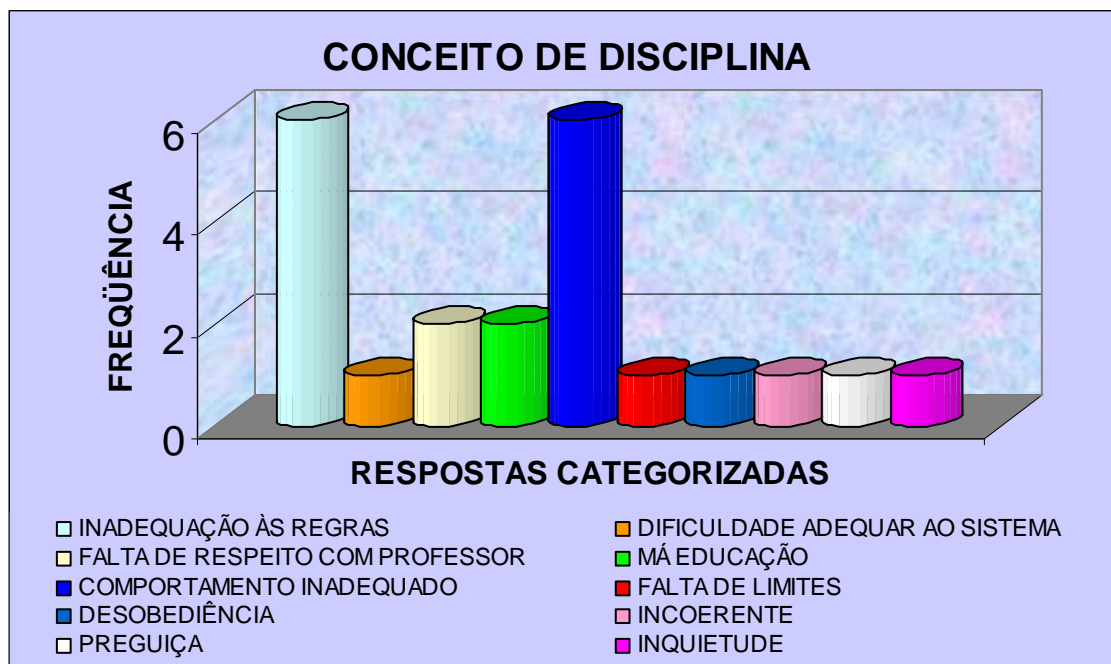
Os dados que caracterizam os sujeitos estão dispostos na tabela 1. A faixa etária dos sujeitos esta entre 26 à 45 anos. Quatorze sujeitos são do sexo feminino e três do sexo masculino. Três dos sujeitos atuam no Ensino Infantil e os outros atuam no Ensino Fundamental distribuído nas séries iniciais. O tempo de serviço varia entre cinco a vinte anos.

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO				
Sujeito	Idade	Sexo	Série que atua	Tempo de Serviço
1	26	F	Pré	9 Anos
2	28	F	Pré	10 Anos
3	28	F	Pré	8 Anos
4	30	F	1 ^a	14 Anos
5	35	F	1 ^a	8 Anos
6	25	F	1 ^a	5 Anos
7	32	F	2 ^a	8 Anos
8	42	F	2 ^a	20 Anos
9	35	F	2 ^a	10 Anos
10	40	F	3 ^a	15 Anos
11	43	F	3 ^a	16 Anos
12	28	F	3 ^a	7 Anos
13	32	F	3 ^a	5 Anos
14	45	M	4 ^a	16 Anos
15	42	M	4 ^a	12 Anos
16	38	M	4 ^a	8 Anos
17	45	F	4 ^a	20 Anos

No que diz respeito ao conceito de disciplina, os resultados apurados na categorização das respostas dos sujeitos, após a análise do relato verbal, revelam que para a maioria dos sujeitos definem indisciplina como inadequação às regras e normas e o conseqüente comportamento inadequado, como pôde ser demonstrado graficamente na figura 1. Estas definições estão de acordo com a literatura pertinente (La Taille, 1996). Como por exemplo, La Taille (1996) refere que disciplina é necessária na escola, porque, sem ela, as chances de sucesso no processo de aprendizagem, diminuem. A disciplina em sala de aula, completa ele, pode equivaler à simples boa educação: possuir alguns modos de comportamento que permitam o convívio pacífico. Ele ainda traduz que indisciplina pode constituir em revolta contra as normas, ou seja, a definição que os sujeitos evidenciaram, como inadequação às regras e as normas e pelo caos comportamental que ela causa. Este

autor ainda admite que a indisciplina também causa a desorganização das relações, o que pode ser traduzido aqui, ao analisar as respostas dos sujeitos, quando eles apontam não tão significativamente como as preposições anteriores, como a dificuldade de adequação ao sistema.

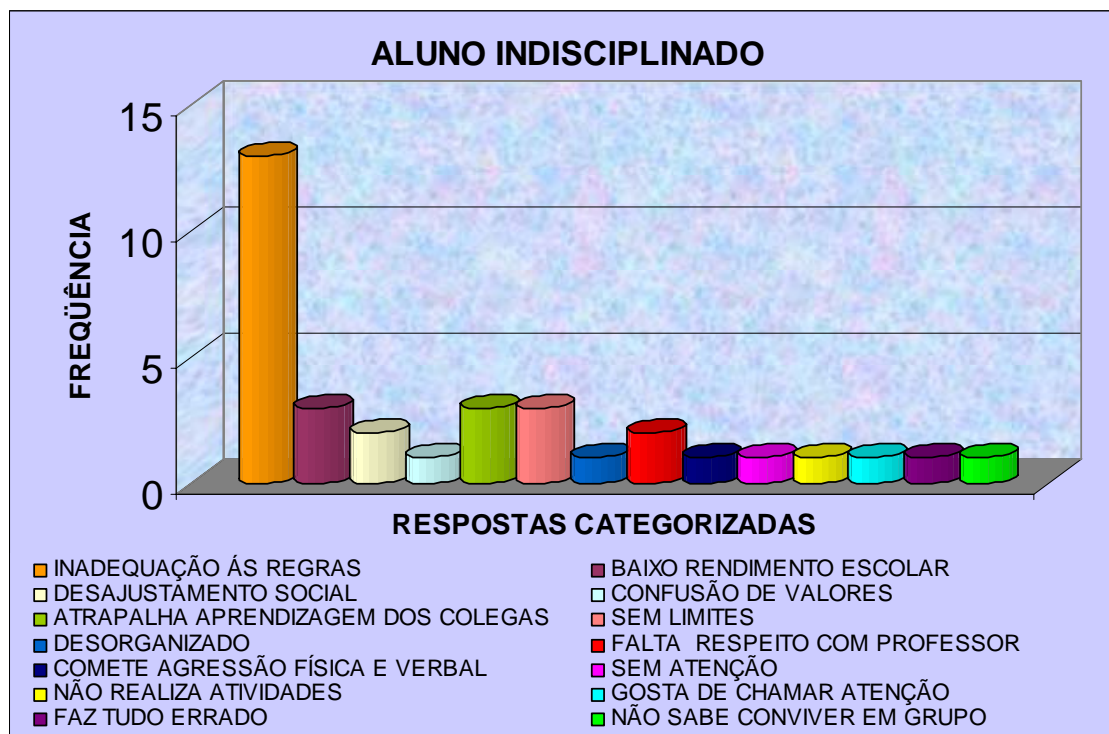
FIGURA 1



Percebe-se, portanto que há por parte dos sujeitos o conhecimento sobre o que seja indisciplina, mesmo muitas vezes não conseguindo lidar com ela, principalmente no contexto de sala de aula, como pode ser visto na análise de outros relatos verbais, que vão ser comentados posteriormente neste estudo.

Estas definições elaboradas pelos sujeitos além de concordarem com a literatura estão de acordo com o que os sujeitos observação em relação ao comportamento do aluno indisciplinado na sala de aula. Na Figura 2, pode-se observar graficamente as categorias extraídas do relato verbal dos sujeitos, as quais indicam, novamente, que o comportamento apresentado pelo aluno considerado pelos sujeitos como indisciplinado é aquele que não se adapta às regras e as

FIGURA 2

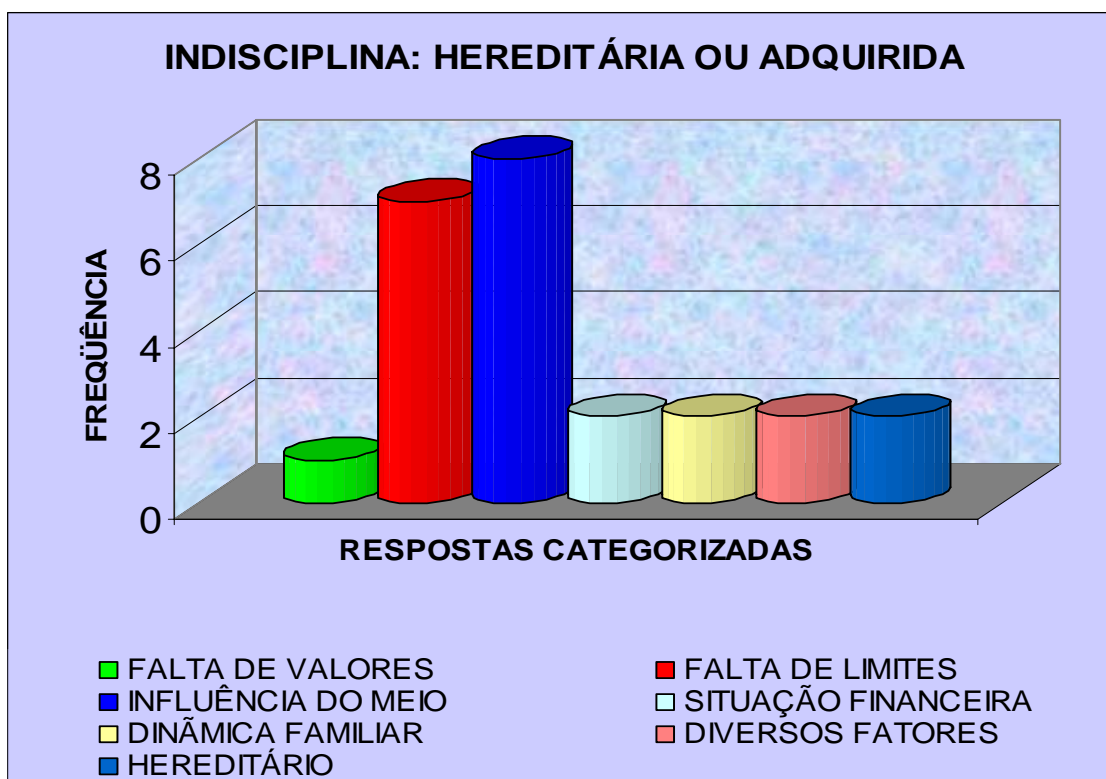


as normas estabelecidas pelo professor, pela escola e pelo próprio contexto de sala de aula. A observação, que pode ser extraída das categorias, sobre atrapalhar a aprendizagem dos colegas, apesar de não tão significativamente mencionada remete ao caos provocado pela indisciplina, o qual La Taille (1996) se refere. A segunda categoria, a qual os sujeitos fazem referência, está também relacionado com o que La Taille (1996) e Vasconcelos (1977) revelam em seus estudos. Consiste no baixo rendimento escolar, conseqüência e ao mesmo tempo causa da indisciplina. Mais do qualquer outra, esta categoria mencionada pelos sujeitos, mesmo que não significativamente, nos remete a questão sobre o que fazer diante da indisciplina, já que atrapalha a aprendizagem, provoca o caos na sala de aula e resulta em baixo rendimento escolar, que por sua vez causa mais comportamentos indisciplinados.

No que diz respeito ao que fazer em relação à indisciplina no contexto escolar, há necessidade de analisar o que os sujeitos acreditam que cause a indisciplina. Para Vasconcelos (1997) o problema indisciplina está ligado a uma série de outras questões, não podendo isolar a questão indisciplina da realidade mais ampla. Os focos, a que este autor se refere em seu estudo de relatos de professores, perpassam pelo desinteresse do aluno, a influência dos meios de comunicação, a influência negativa da família, da comunidade à

falta de apoio ao professor pela família, direção da escola e da sociedade, que se encontra, conforme ele, desorganizada. Ele menciona inclusive que os professores relatam sobre sua própria prática pedagógica. Neste sentido, pode-se observar o que os sujeitos, deste estudo, referem como causas, pois acredita na sua maioria, que a indisciplina é um comportamento adquirido, na figura 3, a qual demonstra graficamente os resultados.

FIGURA 3

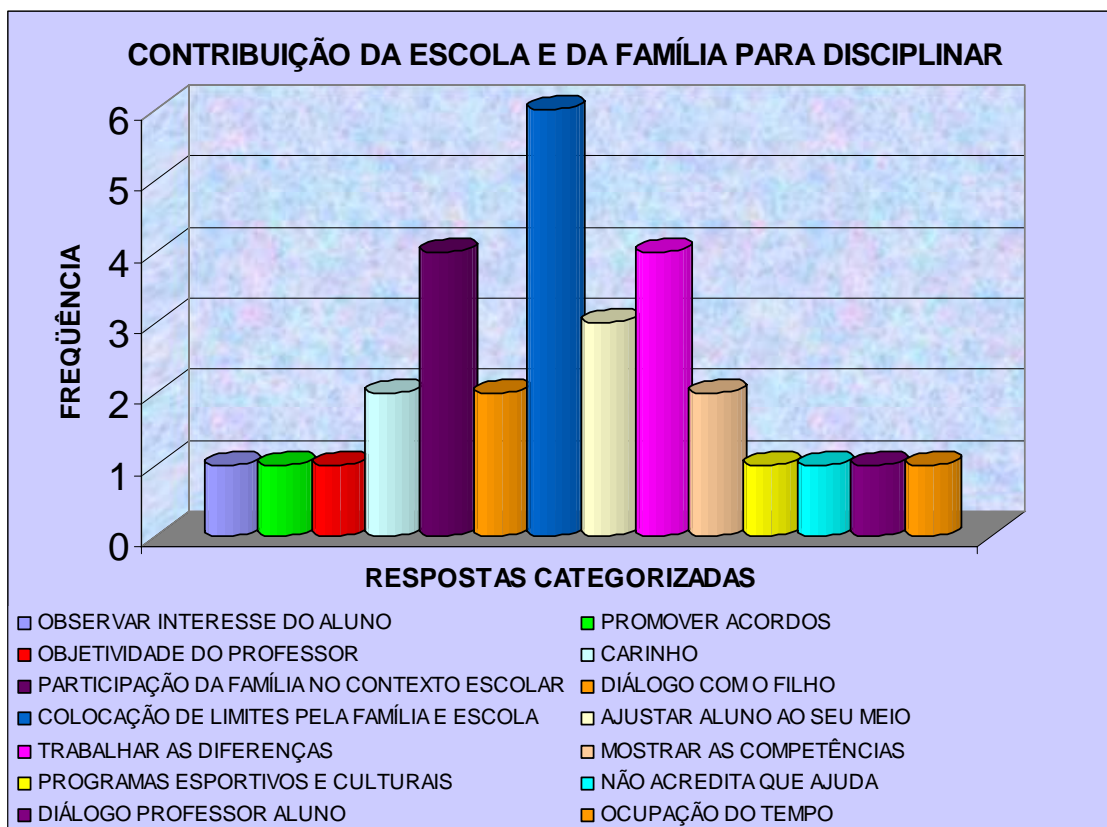


Corroborando com o que Vasconcelos (1977) aponta como focos de “causa” a mais significativamente mencionada pelos sujeitos diz respeito à influência do meio e a falta de colocação de limites. Ou seja, o âmbito familiar está diretamente inserido neste contexto de causa e efeito. De acordo com Fontes (2005) não é fácil fazer o inventário das causas da indisciplina nas escolas. O seu número não pára de aumentar, quase sempre suportada nos dias que correm numa sólida argumentação científica. De acordo com este autor, idéias que concordam com a opinião dos sujeitos, as causas familiares são as principais, pois é no seio familiar que os alunos adquirem os modelos de comportamento que exteriorizam nas aulas. Conforme ele em tempos a pobreza, a violência doméstica e o alcoolismo foram apontados como as principais causas que minavam o ambiente familiar. Acrescenta ainda, que

atualmente é apontado fato da desagregação dos casais, uso de drogas, ausência de valores, permissividade, demissão dos pais da educação dos filhos, etc. Quase sempre os alunos com maiores problemas de indisciplina provêm de famílias onde estes existem. Os sujeitos apontaram também, bem menos significativamente a situação financeira dos pais e a dinâmica familiar como responsáveis pela aquisição do comportamento indisciplinado.

Nesta perspectiva, os sujeitos deste estudo mencionam sobre a contribuição da escola e da família para conseguir disciplinar o aluno. De acordo com os resultados demonstrados graficamente na figura 4, o que foi mais significativamente mencionado refere-se à colocação de limites, tanto por parte da família como por parte dos sujeitos. A este respeito Vasconcelos (1997), em uma visão sócio política, argumenta que tudo começa pelo o que denomina de crise de sentidos, ou seja, na perspectiva de alcançar objetivos, para ele há uma crise geral mundial, nacional, institucional, pessoal e ideologicamente falando. Para ele, existe um sentimento generalizado manifestando-se na desconfiança em relação à razão, que se revela na escola com a absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta “estudar para que”, parece que nunca esteve mais forte, de acordo com Vasconcelos (1997). Ou seja, ele considera que a sociedade está vivendo a queda do mito da ascensão social através da escola. O professor que baseava sua autoridade neste mito está perdido, não conseguindo articular outro sentido para o conhecimento, a escola e o estudo. Tudo isto, ele analisa, em uma perspectiva sócio psicológica, causa atitudes dos professores, as quais ele considera como alienação, pois o próprio professor vê a condição de obter o diploma e o mercado

FIGURA 4

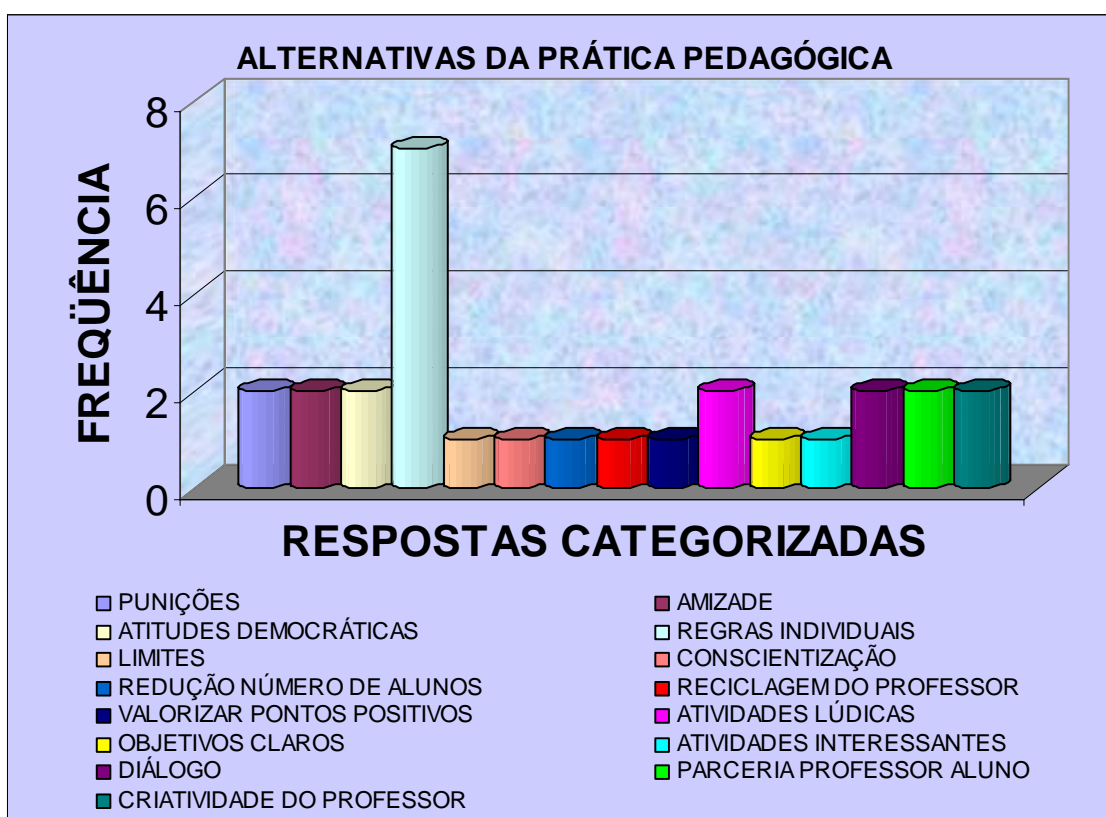


de trabalho, pois, para ele, o professor também vivenciou ou está vivenciando isto. Além disto, os professores estão vivendo, conforme este autor, um momento em que estão submetidos às mais desfavoráveis condições de trabalho, má formação, salários miseráveis, falta de espaço para um trabalho coletivo, número excessivo de alunos, falta de material didático apropriado. E por outro lado, este autor ainda acrescenta têm-se a crise dos próprios limites, alimentada pela necessidade de um mercado baseado na exacerbação do consumo. Em sua opinião a quebra de limites é fundamental para poder alimentar a lógica do consumismo, e o grande alvo desta guerra é a criança, o elo mais fraco da corrente. Quebrar limites – especialmente da criança – tornou-se fundamental. A propaganda realizada pelo consumismo faz deste fato um processo social de infantilização, conforme o autor, pois se vislumbra que é sempre preciso satisfazer rapidamente os desejos sob o fantasma da frustração e até mesmo do trauma. Ele acredita que a família também é vítima deste processo, ou seja, conforme as palavras dele, de centro de convivência e espaço de formação básica do ser humano, transformou-se em unidade de restabelecimento de força

de trabalho e de consumo. Então ele conclui, que por um lado, a família vê-se impelida para trabalhar intensamente em função da queda progressiva dos salários e por outro, massacrada pelos meios de comunicação, que faz com que ela caia no círculo vicioso, o qual ele descreve: desejo de consumo → busca de recursos → mais trabalho → menos tempo de convivência com os filhos → culpa → menos limites → liberação para consumo → mais necessidade de recursos.

No que diz respeito às alternativas para a prática pedagógica, diante deste quadro de indisciplina escolar, que causa o caos que La Taille (1998) refere e á análise que Vasconcelos (1997) apresenta, os sujeitos mencionaram mais significativamente o estabelecimento de regras individuais.

FIGURA 5



Há neste respeito, Aquino (1998) considera que deve existir alguns princípios básicos norteadores para a prática pedagógica, em relação à indisciplina. O primeiro destes princípios diz respeito, conforme ele *ao conhecimento*, que é o objeto exclusivo da ação do professor. O âmbito de atuação do professor é o essencialmente pedagógico. Portanto, ater-se ao seu campo de conhecimento e suas regras particulares de funcionamento, nunca à

moralização dos hábitos, é uma medida fundamental. O segundo princípio, que autentica a opinião dos sujeitos deste estudo e *a relação professor-aluno*, que é o núcleo do trabalho pedagógico, uma vez que o aluno é nosso parceiro, co-responsável pelo sucesso escolar, portanto. Mas é fundamental que seja preservada a distinção entre os papéis de aluno e de professor. Não se pode esquecer nunca que é dever do professor ensinar, assim como é direito do aluno aprender. Isso nem sempre é claro ainda para o aluno, principalmente aqueles do ensino fundamental, acrescenta ele. O terceiro princípio que Aquino (1998) menciona é o que refere que *a sala de aula*, é o contexto privilegiado para o trabalho, o microcosmo concreto onde a educação escolar acontece de fato. Onde também, conforme ele, que os conflitos têm de ser administrados, gerenciados e ainda onde que se equacionam os obstáculos e que se atinge uma possível excelência profissional. Portanto, mandar aluno para fora de sala (e, no limite, para fora da escola) é um tipo de prática abominável, que precisa ser abolida urgentemente das práticas escolares brasileiras. Isto explica a opinião dos professores sobre a criação de regras individuais, já que a inadequação às regras é uma das causas, ao se criar regras individuais, o professor está contextualizando o papel do aluno em sala de aula e promovendo sua conscientização, outra categoria mencionada pelos sujeitos. Outro princípio mencionado por Aquino (1998) diz respeito ao *contrato pedagógico*. De acordo com sua opinião trata-se da proposta de que as regras de convivência, muitas vezes implícitas, que orientam o funcionamento da sala de aula – e daquele campo de conhecimento em particular – precisam ser explicitadas para todos os envolvidos, conhecidas e compartilhadas por aqueles inseridos no jogo escolar, mesmo se elas tiverem de ser lembradas (ou até mesmo transformadas) todos os dias. Os sujeitos deste estudo mencionam estes acordos, revelando que deve-se ter e estabelecer objetivos claros, como demonstrado na figura 4 e 5. Aquino(1998) finaliza que é partir destas medidas que todos se sentem co-responsáveis pelo "código" de regras comuns que se pode ter parceria, solidariedade, um projeto conjunto e contínuo – o que, no caso do trabalho pedagógico, é mais do que necessidade, é uma exigência.

Corroborando com todas estas opiniões de Aquino (1998), os sujeitos demonstram que a participação do aluno na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina, pois eles apontam, como pode ser visto graficamente demonstrado na figura 6 que desperta o interesse do aluno, promove a conscientização das conseqüência dos seus

atos, permitem mudanças na perspectiva de vida do aluno, possibilitam aprender a conviver em grupo e principalmente favorecem o assumir compromissos

FIGURA 6



Diante estes dados, pode-se inferir, que o professor se vê diante do desafio da indisciplina na sala de aula, tem a concepção correta do que seja indisciplina e definem o comportamento indisciplinado de acordo com a literatura e sabe como solucionar o problema. Mas, então, porque o problema persiste? De acordo com Vasconcelos (1997), na busca da solução destes problemas, muitas vezes as alternativas encontradas têm um conteúdo idealista, que conforme ele, significa que não considera-se um conjunto de determinantes da realidade concreta. Conforme ele acredita, toda proposta de superar um problema deve ter algo superando a realidade, mas a distorção do idealismo, para ele, refere-se a exacerbar as possibilidades em detrimento dos limites. Ele cita, por exemplo, o fato de que afirma-se que, para evitar a indisciplina, a aula do professor deve ser

interessante. Ou seja, de acordo com ele, espera-se com esta preposição, que todo professor sozinho consiga se tornar interessante ou fazer do seu trabalho algo muito interessante para todos os alunos. Conforme ele, sabe-se que isto é impossível, o mais realista seria buscar um clima hegemônico de interesse e não somente exigindo do professor, mas também do aluno, pois o processo ensino aprendizagem não é um caminho de somente uma via. Outro exemplo de alternativa, a que ele se refere como “idealista” é a resolução dos problemas da escola através da tecnologia.

Outra dificuldade de não se conseguir alcançar o nível de disciplina esperado pelos professores, a despeito de saberem as regras, as definições e as soluções, Vasconcelos (1998) aponta para o que ele denomina de Sensação de “Não Poder”. Ele considera que seja um dos maiores obstáculos epistemológicos a serem enfrentados. Ele acredita que o professor acabou por assimilar que não consegue e que a solução está fora dele. Então, de acordo com o autor, o professor se sente desgastado, destruído, traído, acusado, desprezado, humilhado e explorado. E assim, então ele conclui, que colocar “a culpa” em outros fatores seja uma forma de auto-proteção e retorna para a família, para a direção, para o sistema a responsabilidade.

Uma das soluções possíveis conforme Vasconcelos seria o resgate do papel do professor. O que ele considera um grande desafio atualmente, mas necessário. É preciso que o professor acredite nas suas potencialidades, na sua condição de transformador, que se conceda o crédito de que pode, de que tem um papel a desempenhar, o qual é de vital importância para a sociedade.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina representa um processo fundamental para o estabelecimento e normalização das relações sociais. Entretanto, o que garante que essas normalizações sejam éticas é a observância dos valores e princípios constituídos coletivamente no sentido do bem comum e da vigência da lei para todos. As instituições que educam a criança, a família e a escola são responsáveis por estabelecer regras e promover condições de aprendizagem das normas coletivas. Porém cabe à sociedade formalmente constituída, através das demais instituições oferecerem condições concretizar para que as relações entre seus membros sejam regidas pelos princípios da ética, da igualdade e da justiça.

Ademais, é necessário compreender que os desenvolvimentos dos meios de comunicação e das tecnologias da informação tornam cada vez mais acessíveis às crianças e aos adolescentes valores que se constituem independente da família e da escola e sobre os quais essas instituições têm pouco controle. Não apenas porque carecem de uma reafirmação de sua autoridade, mas porque são valores que também as constituem. A transgressão das normas coletivas, a dificuldade em organizar-se frente a determinados objetivos e, enfim, a tendência à indisciplina não das prerrogativas das crianças e adolescentes, ou dos sujeitos enquanto filhos e alunos, mas uma condição que se manifesta nas diversas relações do individuo com o outro, com as instituições e com as leis sociais, pode-se entender que entre disciplina e ética se estabelece uma relação dialética que envolve um sujeito e a estrutura normativa da coletividade da qual faz parte. Ao mesmo tempo em que o sujeito constitui a sociedade, é também por ela constituído.

Os aspectos psicológicos são constituídos da realidade social e não podem ser negados. Contudo, reduzir todas as possibilidades de análise e enfrentamento de um problema que se concretiza no espaço das relações sociais à esfera individual caracteriza uma perspectiva reedificante moderna, as relações sociais e a vida psíquica do homem despregada de sua concreticidade e de sua constituição histórica, assumem características de atributos naturais, implicando a concepção de homem restrita à mera representação ou a vivência imediata, portanto sem autonomia frente à sua história, sem possibilidade de intervenção em sua realidade, os desdobramentos da fragmentação da dimensão humana e o da consciência reedificam implicam uma cisão cada vez maior entre o homem e o mundo social, imprimindo um caráter instrumental às relações que estabelecem entre si, seja no

trabalho ou no processo educativo das noções gerações, a reedificação do sujeito ao desconsiderar a produção histórica das formas de socialização, faz com que as propostas pedagógicas frente à indisciplina e á educação moral sejam direcionadas para ação imediata e voluntarista, centralizadas na imposição de limites e no dizer não e voltadas para a educação de resultados. Na discussão sobre os limites, a concepção de autoridade perde o seu sentido social de fator constitutivo da conquista da autonomia das novas gerações para tornar-se uma estratégia pragmática para a direção e regulação da conduta do educando.

A disciplina se constrói pela interação do sujeito como outros e com a realidade, até chegar ao autodomínio.

O educador, num primeiro momento, pode assumir a responsabilidade pela disciplina, levando as turmas a assumi-la progressivamente. Mas cuidado, quando se está sob um regime de tirania, as pessoas se rebelam, se indisciplinam. O sujeito precisa se adaptar a uma série de valores, costumes culturais, que devem vir de berço. A importância da família na disciplinarização do individual é fundamental, visto que esse é o primeiro grupo social em que ele está de crescimento e desenvolvimento da criança deve ser o cunho do trabalho familiar, a disciplina consciente e interativa é o processo de construção da autorregulação do sujeito, que se dá pela interação social e pela adaptação às transformações, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo.

Pode-se inferir pelos resultados, que outras pesquisas devem ser realizadas para que se evidencie as melhores estratégias e busque-se soluções para a auto-confiança dos professores e concretizarem a valorização do seu papel na sociedade.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- 1 - AFONSO, Almerindo Janela.(1991). Notas para o estudo sociológico da (in)disciplina escolar na formação dos professores. **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho. Vol. 4, nº 1, p. 119-128.
- 2 - AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola**: Alternativa teórica e prática. São Paulo: Summus, 1996.
- 3 - AQUINO, Júlio Grouppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação** vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998
- 4 - BOURDIEU, Pierre.(1974) **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Livraria Perspectiva.
- 5 - BOURDIEU, Pierre.(1983) **Questões da Sociologia**. São Paulo: Marco Zero.
- 6 - BOURDIEU, Pierre.(1996). A ilusão biográfica. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- 7 - BOURDIEU, Pierre.(1996). **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas. São Paulo, Papyrus Editora.
- 8 - CASTRO, Magali de.(1994). **Relações de Poder na escola Pública de ensino Fundamental: uma radiografia à luz do Weber e Bourdieu**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP (Tese de Doutorado).
- 9 - CHAUI, Marileia. (1998). **Ética e Violência e Teoria e Debate**. Numero 39 São Paulo. Fundação. Perse Abrano.
- 10 - CHARLOT, Bernard.(2000). **Da Relação com o Saber**. Porto Alegre. Artmed.
- 11 - DUBET, François. (1994). **Sociologia de l'exercencia**. Paris: Seuil.
- 12 - DURKHEIM, Émile.(1984). **A Educação Moral**. Livro Segundo Porto, Portugal: Res Editora.
- 13 - ESTELA, Maria Teresa. (1994). **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. Portugal: Porto Editora.
- 14 - FONTES, Carlos **Indisciplina na Escolas** <http://educar.no.sapo.pt/indisciplina.htm> - capturado em 29.11.2005

- 15 - FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir. História da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 1977.
- 16 - FOUCAULT, Michel.(1996). **Vigiar e Punir. Petrópolis.** Rio de Janeiro, Vozes, 14ª edição: org. Roberto Machado.
- 17 - FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado & Sociedade.** 6 Ed. São Paulo: Moraes, 1986.e.
- 18 - FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p. 67 – 68.
- 19 - FURLAN, Alfredo. **Problemas de Indisciplina en las escuelas de México: el silencio de la pedagogía.** In: Perspectivas: revista trimestral de educacion comparada, vol. XXVIII, nº 4, p.611 ` 627, diciembre/1998.
- 20 - GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- 21 - KARL, Mahheim.Ideologia e utopia. EPU, 1981, p. 32
- 22 - LA TAILLE, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais.** 2.ed., São Paulo: Ática, 1999.
- 23 - LA TAILLE. Yves de. **Os conceitos de Humilhação e Honra em Crianças de 7 a 12 anos.** Coletania da ANPEPP: Cognition Social e Juízo Moral. (1996)
- 24 - LOPES, Mauricio Antonio Ribeiro. **Comentários à Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** São Paulo. Editora Revistas dos Tribunais. (1999).
- 25 - MAKARENKO, Antônio. **Poema pedagógico.** Lisboa: Livros Horizontes, 1980.
- 26 - MORAIS, Regis de. **Sala de aula: que espaço é esse?** 6 Ed. Campinas: Papirus, 1994.
- 27 - RANGEL, Edilma. **Criminalidade atrai a geração shopping center.** Gazeta do Povo, Curitiba,27 abr. 1997.
- 28 - ROSEMBERG, Lia. **Disciplina e democracia.** Jornal Alfa. São Paulo: Ago. set. 1995.
- 29 - ROURE, Susie. **Concepções de indisciplina escolar e limites do psicologismo na educação.** Goiânia, 2000. Dissertação de Mestrado. Educação .Universidade de Goiás
- 30 - TIBA, Icami. **Disciplina – Limite na medita Certa.** 8º Edição. São Paulo. Editora Gente. (1996).
- 31 - VASCONCELOS, Celso dos S. Os Desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola **Série Idéias** n. 28. São Paulo: FDE, 227-252 -1997

ANEXOS

ENTREVISTA – SUJEITO 1

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade.

1 - Como você define “indisciplina”?

Inadequação as regras e normas estabelecidas.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

O aluno que não se adequa as regras, não fazendo uso do espaço da sala para aquisição de conhecimento.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, desde que sejam feitos acordos com os alunos, buscando meios termos para que o trabalho possa fluir.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Às vezes sim, como por exemplo no caso da hiper-atividade, mas geralmente a indisciplina é causada por falta de limites.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Sim

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim, pois dessa forma, podem opinar sobre suas áreas de interesse e participando ativamente, assumem melhor os compromissos e diminuem a indisciplina.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Com ações que visem contribuir para sua formação, observando seus interesses e promovendo acordos com o aluno.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Para o aluno indisciplinado a punição, muitas vezes levando a compreender a importância da participação, inclusive nas tomadas de decisões.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim, é de suma importância dar espaços para que o aluno possa ser ouvido.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 2

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade.

1 - Como você define “indisciplina”?

É a dificuldade de adequação a qualquer sistema

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

É aquele que não se ajusta socialmente na escola, apresenta problemas de relacionamento com os colegas professores, dificuldades para aceitar regras e conseqüentemente segui-las, confunde valores e não respeita o outro.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim. A escola deve ter seu regimento interno bem estruturado, direção e professores tem que trabalhar de forma coesa e com a função de fazer o regimento funcionar na prática

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Com certeza adquirido, quando a criança não tem noção de valores e limites e complicado entender que precisa adequar-se a ambientes diversos.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Para toda a vida não só na escola ou na infância e adolescência mas também na vida adulta, quantos profissionais indisciplinados existem em todos os setores.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

É preciso responsabilizá-los por todos as questões do âmbito escolar, assim como um trabalhador é responsável pela sua produção, a criança precisa ter consciência que os fracassos, sucessos e riscos são resultados do seu esforço, desempenho e interesse.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

A turma precisa de um professor comprometido com o seu trabalho e com absoluta certeza dos seus objetivos, um profissional perdido em seu trabalho e sem apego fatalmente produzirá muitos indisciplinados, outro fator importante é o carinho com os alunos, um relacionamento seco não gera cumplicidade e sim sentimentos de revolta, raiva e antipatia ingredientes certos para desandar a harmonia.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Sim, quando há amizade, bom relacionamento, as regras surgem espontaneamente o ambiente, torna-se rotina, votar, negociar etc...

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Não, infelizmente.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 3

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

Indisciplina e a falta de respeito para com o professor rebelde, mal educação, não resolução e respeito as normas da escola

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

Quem não respeita as normas da escola.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, falando da estatuto escolar, ou regimento interno da escola, falando das leis a ser obedecida.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Não, porque depende de aceitação e consciência de cada individuo

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Sim pois existe um embate de conflitos onde a escola deve ser respeitada.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim devido a pratica de esportes, e eventos onde se prega a consciência, conscientização e a educação

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Participando das atividades do contexto escolar, conversando muito com o filho, etc...

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala da aula?

Montar se possível um regimento individualizado apropriado a serie dos alunos ou alunos indisciplinados, aplicá-los.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

São, pois o ganho em rendimento pode vir a curto, médio ou longo prazo.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não tenho conhecimento.

ENTREVISTA – SUJEITO 4

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

Atitude que atrapalha o andamento de algo.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

O aluno que atrapalha a sua aprendizagem e dos demais

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, conscientizando

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Adquirido através dos hábitos

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Pode

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim, pois será trabalhado nele a consciência

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Impondo limites e punindo adequadamente

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Impor limites e se fazer respeitar, levar as crianças a consciência

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim, devemos ser democráticos

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 5

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

Falta de educação da base, ou seja, educação familiar

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

Alunos sem limites, sem organização

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, fazendo reuniões educativas com as famílias, um trabalho que seja feito escola X comunidade

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Adquirido. Pois muitas vezes os exemplos de casa se ficam na criança.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Desde que tudo tenha limite, toda regra tem exceção

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim. Pois aprendem a dividir, soma e produzir com outras pessoas

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Participando de forma efetiva e acompanhando sua vida escolar

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

A maneira seria reduzir numero de alunos, usar estratégias e métodos avançados, cursos de aperfeiçoamentos e outros

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim, tudo depende de um objetivo e uma meta a ser cumprida.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

No momento, não

ENTREVISTA – SUJEITO 6

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade.

1 - Como você define “indisciplina”?

Falta de limites no comportamento de um determinado indivíduo.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

É o aluno que não aceita regras, que não respeita o próximo e que acha que suas atitudes não tem limites e que todos são obrigados a aceitá-las.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Desde que o aluno em casa tenha o reforço dos pais, acredito que sim trabalhando em grupo e foi equipe, determinando junto com o aluno regras, direitos e deveres e cobrando seriamente isso dele.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

O meio corrompe. Normalmente alunos indisciplinados, tem um quadro familiar problemático (adquirido).

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Eu acredito que pode gerar conflitos.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim. Alunos envolvidos com projetos da escola passam a ver as coisas de maneira diferente e começam a mudar

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

A escola podem trazer programas que envolva os alunos como capoeira futebol, vôlei, esportes no geral, teatro, grêmios, etc... E a família reforçando e participando da vida escolar do filho

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Dando atividades de liderança e responsabilidade para o aluno

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Acredito que sim. Reforça a palavra dada, no momento da negociação, pelo aluno, quando for lhe cobrada regras e comportamento.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 7

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade.

1 - Como você define “indisciplina”?

Indisciplina é um conjunto de comportamentos inadequados ao ambiente social e escolar.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

É um aluno que agride verbalmente ou fisicamente os colegas, não consegue ficar por algum tempo sentado prestando atenção e fazendo suas atividades. Costuma fazer todo para chamar a atenção, de forma negativa.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

E possível, mas não é fácil. Colocando o aluno o mais próximo possível do professor, conversar com os demais alunos para não aceitarem provocações ou mesmo não acharem graça nas coisas erradas feitas pelo aluno considerado indisciplinado.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

A indisciplina é um fator adquirido, mas que pode ter a família como fator agravante. Ninguém nasce tendo comportamentos agressivos, tendo plena capacidade neurológica.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

A dificuldade na imposição de limites pode gerar conflitos.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Todas as atividades que possam valorizar a participação, socialização e principalmente a responsabilidade são validas e favorecem a amenização da indisciplina.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

É preciso haver uma forte parceria entre escola família. Ambos devem corrigir verbalmente o aluno dito indisciplinado, mostrando-lhe a verdade social.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Dar atividades que favoreçam a responsabilidade e participação do aluno. Valorizando-o nos seus pontos positivos.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Depende da negociação. Sou contra “você faz isso que te dou aquilo” mas se não fizer isso ficará até terminar, não importa o tempo que possa gastar.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 8

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade.

1 - Como você define “indisciplina”?

Defino como algo que contraria a ordem, a forma de ser e de ser feito.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

É um aluno que não gosta de seguir o raciocínio planejado para a turma e para ele. Que não tem costume de obedecer regras

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, verificando a forma de vida que o aluno tem em casa com a família, e a partir daí, aplicar a educação formal. A que pra ele será necessário na vida social em geral.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Adquirido. Tem quase tudo a ver com a forma de vida que a criança tenha e principalmente com a situação financeira.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Com certeza, pois quando houver atritos vai gerar a chamada consciência pesada. O arrependimento de poder ter sido mais enérgica e não ter sido.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim. Porque faz com que vivenciam cada problema de perto e na união, ajuda a corrigir a indisciplina a partir da própria ação.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Unindo as forças e trabalhando na educação conjunta, a dos filhos, a da família e da escola.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Ensinando de forma lúdica, participativa e utilizando métodos e assuntos que todos vivenciam.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim. Pois através da negociação podemos ver quais objetivos são mais comuns a todos e mais haver com o planejado.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

No momento não.

ENTREVISTA – SUJEITO 9

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

Qualquer comportamento que atrapalhe no aprendizado individual ou no desenrolar das atividades pode as vezes, ser considerado como indisciplina.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

Quando esses comportamentos interferem no aprendizado individual ou no coletivo.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim. Discutindo os fatores que são comumente causadores da indisciplina.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

A indisciplina pode ter inúmeras causas, dificilmente alguém torna-se indisciplinado por vontade.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Sim. O educador precisa estar seguro e ter domínio sobre a turma. Deve agir de forma democrática sem perder o controle. O aluno indisciplinado é muito observador do “ponto fraco” do professor.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim. As relações democraticamente construídas têm embasamentos nas necessidades individuais, Se o educando pode intervir no seu meio, o interesse de fazer o melhor é despertado influenciando no seu comportamento.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Pela participação na vida diária do aluno.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Tudo se inicia na elaboração dos objetivos, o que o professor deseja alcançar e como deve proceder para despertar o interesse dos alunos.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Claro. É p fator a base na elaboração desses objetivos.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 10

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

A incapacidade do aluno em aceitar e cumprir regras pré estabelecidas.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

É aquele que não tem dificuldades em se adaptar ao comprimento do que lhe é exigido no âmbito escolar.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim. Pode ser traçar juntamente com os alunos normas direitos e deveres criando assim nos alunos responsabilidades do cumprimentos dessas regras.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

A indisciplina é fator adquirido pela dificuldade da família em impor limites aos alunos.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Sim. Se o aluno em casa não tem limites com certeza ao chegar a escola terá dificuldade em se adaptar a essa nova realidade.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim. Quando o aluno se sentir parte da escola.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Com a integração escola comunidade, juntos buscando soluções, certamente melhoraremos não só o problema de disciplina como a melhoria na qualidade do ensino.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala da aula?

Respeito mutuo, relações afetiva dos alunos, negociar regras, direitos, deveres, ouvir os alunos e procurar atividades que sejam do interesse dos alunos.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim. A participação dos alunos, fazem com que eles se sentam valorizados, responsáveis e parte relevante do ambiente escolar

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 11

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade.

1 - Como você define “indisciplina”?

É o aluno que não segue normas, regras disciplinares da escola

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

É tudo que se pratica de errado na vida.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim. Conversando ou dialogando com os alunos em grupo ou individualmente, procurando meios para soluções.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

As vezes hereditário, porque os filho se espelham muitos nos pais. Outras vezes adquirida.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Sim, sempre gera, especialmente quando não tem dialogo.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Muito, porque o aluno disciplinado só cresce e ajuda os colegas a desenvolver socialmente e intelectualmente.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Através de muitos diálogos.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Conversar com os alunos criando regras com eles mesmos para seguirem, e punir os que não seguir o que for combinado.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

O projeto do horário do recreio

ENTREVISTA – SUJEITO 12

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

O que esta fora dos padrões comuns.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

O aluno que não se submete a regras, não sabe conviver em grupo, não aceita o senso comum.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, pois o professor deve demonstrar segurança, firmeza, caso contrario os conflitos e a indisciplina serão certamente inevitáveis.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Acho que é um fator adquirido pois o aluno indisciplinado é fruto do meio em que vive.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Claro, pois qualquer atividade dinâmica, educativa, e muito importante nesse processo. O envolvimento coletivo tanto quanto o individual faz a grande diferença.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

A escola e a família devem fazer um trabalho harmônico e em parceria na formação desse aluno. Trabalhando, a auto estima, regras, punições e principalmente carinho mesmo sendo rígido.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Estabelecendo de regras e limites formuladas com os alunos, dinâmicas para reflexão e uso moderado do tom de voz e atitudes pois a disciplina deve ser conseqüência do respeito e não do medo.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala da aula?

Quando há a participação de todos os alunos os resultados são demasiadamente mais satisfatórios. O compromisso com a disciplina é muito maior.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Não

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 13

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

Falta de comportamento do individuo dentro da sociedade que ele vive.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

É aquele aluno, que nunca esta disposto a compartilhar com os outros sempre esta atrapalhando e chamando a atenção de quem esta ao seu redor.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

É sempre possível desde que a escola esteja engajada num projeto muito serio, muito criativo e interdisciplinar.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Acredito que deva ser adquirido pois a indisciplina ela começa em casa e continua na convivência social.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Sim, muitas vezes esta imposição gera conflitos, pois o professor devera esta seguro com suas atividades não só com os alunos indisciplinados mas com toda a turma.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim, pois o aluno se sentido útil, aumenta sua auto-estima e com certeza, isso irá minimizar o problema

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Diante da realidade da escola é um fator complicado procurar soluções paleativas quando sabemos que no Brasil deve-se haver uma revolução na educação.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala da aula?

O professor devera nesta situação ser dinâmico, seguro mas também devera criar regras. O dialogo sempre devera esta presente e também ser criativo

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim. O professor tem que ter compromisso, respeito sempre e sempre procurar soluções para ser discutidas.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não

ENTREVISTA – SUJEITO 14

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

Dificuldade de aceitar regras, de convívio com pessoas em grupo.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

Na minha opinião um aluno indisciplinado é aquele que se recusa a seguir as regras de convívio social em sala de aula.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Procurando fazer com que o aluno tenha mais interesse pelo trabalho escolar.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Acredito que não. A indisciplina pode ser consequência de vários fatores como familiares, econômicos, etc...

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Sim, é muito difícil para algumas pessoas saber o como impor esses limites.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Com certeza. O aluno com problemas disciplinares precisa ser chamado a responsabilidade. Precisa se sentir útil e membro importante desse grupo.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Buscando a deficiência desse aluno seja na família ou na escola. Pois a dificuldade gera desinteresse e conseqüentemente a indisciplina.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala da aula?

Procuro fazer com que o aluno não se exclua, se interesse pelas atividades e proporcione momentos em que se sinta útil, seja auxiliando-me nas tarefas ou aos próprios colegas.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Muitas vezes é preciso fazer tais negociações para que o trabalho se desenvolva.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 15

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

Ato de desobediência de uma determinada pessoa.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

Aquele cuja preocupação no momento é desobedecer, determinadas tarefas.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, adquirido pois observa-se que há alunos indisciplinados enquanto a família é muito agitada.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Sim, pois vivemos no meio social onde temos regras para conviver com outras pessoas.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Sim, pois os mesmos se sentiram úteis e valorizados.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Participando do convívio escolar, criando diversos ambientes ou situações onde o aluno possa estar participando e se sentindo bem.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Dialogando, criando novas maneiras de regras para que o aluno se sinta seguro.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Pois além de ajudar no convívio social escolar estaremos preparando cidadãos para obedecer e criticar.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 16

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

São atitudes, realizadas por alguns seres que venham a prejudicar o desenvolvimento geral do mesmo ou de seus próximos.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

Aquele que não realiza as atividades, inconvenientes que não respeitam a si ou ao próximo.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, com muito dialogo, ocupação do tempo com o auxilio da condenação e da família.

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Há casos que sim, há outros que não.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Claro que sim, limite e algo necessário na vida de qualquer um.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim, um ser indisciplinado precisa estar com seu tempo ocupado, é preciso que ele sinta útil e importante.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

É preciso que a criança seja criada com carinho, compreensão e limites, e o mais importante seria a ocupação do tempo.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala da aula?

Primeiro um trabalho coletivo com a família e professores depois muitas atividade de dinâmicas.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Não.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.

ENTREVISTA – SUJEITO 17

Pedimos a sua colaboração para responder estas questões as quais irão contribuir para fundamentos que vão subsidiar o embasamento teórico e prático sobre a educação de Pré a 4ª série. Você e sua escola não serão identificados, portanto sua privacidade será mantida e você poderá ficar a vontade para responder com sinceridade

1 - Como você define “indisciplina”?

Irreverência, falta de respeito consigo e para com os outros, preguiça, inquietude.

2 - Para você, o que é um aluno indisciplinado?

É um aluno sem limites, sem regras, desobediente.

3 - É possível trabalhar a indisciplina no âmbito escolar? De que forma?

Sim, desde de que seja um trabalho acompanhado por uma equipe, capacitada .

4 - Você concorda que a indisciplina é um fator hereditário ou adquirido? Justifique?

Adquirido, visto que meio social influencia para tais atitudes pois as crianças nascem pura o meio o corrompem.

5 - Na sua opinião, a dificuldade de impor limites pode ou não gerar conflitos?

Isso é relativo pois a dificuldade não esta em impor limites, e sim, como impor estes limites.

6 - A participação dos alunos na comunidade escolar contribui para amenizar o problema da indisciplina? Justifique.

Sim, pois na maioria das vezes a indisciplina do aluno é uma forma de chamar a atenção daqueles que estão a sua volta.

7 - Como a escola e a família podem contribuir na formação do aluno indisciplinado?

Procurará ajudar este aluno ajudar-se no meio social em que convive, trabalhar as diferenças e mostrando suas competências.

8 - Enquanto o professor quais alternativas podem ser aplicadas para contornar a indisciplina em sala de aula?

Ser criativo, dinamizando as aulas, tornando-as mais atrativas para que o aluno sinta prazer de estar na escola, na sala de aula.

9 - Negociar objetivos e regras são considerados um fator relevante? Justifique.

Sim, pois em tudo que se pretende realizar-se deve-se traçar metas para alcançar os objetivos.

10 - Sua escola desenvolve algum projeto que contemple a indisciplina?

Não.